



GNOSE

IGREJA GNÓSTICA DO BRASIL

Tradição: Huiracocha
Patriarca: Tonapa



ANO V - Nº. 53

Arcanjo da Estação Inverno: Gabriel

Agosto 2007

Rua Sabóia Lima, 77 Tijuca - Tel.: 2254-7350 Rio de Janeiro – RJ Cep: 20521-250.
Home page: <http://www.fra.org.br/> E-mail: fraternitas@fra.org.br

A VOZ DO PATRIARCA

O poder da palavra

Todos os seres, sem exceção alguma, desejam possuir autoridade, poderio ou mando que os faça, superiores aos demais seres.

Do ponto de vista físico, a teoria de Darwin cumpre-se maravilhosamente. A sobrevivência dos mais aptos fisicamente é um fato inegável. Já, porém, nos estados superiores como nos mais elevados tipos da evolução humana, a teoria darwiniana perde completamente o seu valor, posto que, ali não é a superioridade de atitude física a que causa o triunfo, senão a superioridade intelectual a que marca o êxito. Portanto, a teoria materialista não é verdade senão parcialmente. E se julgarmos estados superiores, tão pouco é a capacidade intelectual a que vem dando o triunfo definitivo. O intelectual pode lograr triunfos parciais, porém se não une a intelectualidade à espiritualidade, fracassará finalmente.

A orientação espiritual do homem permitir-lhe-á relacionar-se com poderes da natureza que lhe permitirão lograr verdadeira supremacia, não para estabelecer a perfeita harmonia espiritual, que nos proporcione domínio por superação, isto é, por plena relação do homem com os poderes universais de amor, sabedoria, beleza e verdade.

A palavra, como manifestação do VERBO CRIADOR, é um poder extraordinário, do qual a humanidade apenas se apercebeu por suas manifestações mais ou menos superficiais.

A palavra tem um poder imenso, cujo alcance nunca podemos medir.

A responsabilidade da palavra pronunciada é de tal natureza que todo o nosso destino, o bem e o mal que possa acontecer-nos, depende praticamente da exteriorização do sentimento e do pensamento através da palavra.

“A palavra quando é justa e harmonicamente pronunciada, fundamentando sua exteriorização em tudo o que seja verdadeiro, justo e exato é prata; o silêncio, porém durante o qual se verificam profundas transformações em nossa natureza interna é ouro”.

Entre os muitos caminhos de purificação, de elevação e transformação espiritual temos o do reto uso da palavra.

Se um espiritualista consciente das leis de evolução usa a palavra somente para exteriorizar os sentimentos e pensamentos retos e nobres, que tenham por único objetivo elevar o estado físico e mental das pessoas que o escutam logrará transformações incríveis em um tempo relativamente curto. Por outro lado, aquele que, inconscientemente do mal que causa a si mesmo, emprega sempre sua palavra apenas no sentido negativo, isto é, para evidenciar as muitas debilidades humanas, não fará outra coisa, com este exercício, que intensificar o desenvolvimento daquelas mesmas debilidades em sua própria natureza. Esta é a razão pela qual aquele que fala insistentemente sobre os defeitos de outros acaba, em pouco tempo, praticando aqueles atos que criticava acrememente em outras pessoas.

O homem que deseje verdadeiramente triunfos não deve exteriorizar, de modo algum, a negativa situação que esteja atravessando.

sando em um momento determinado. As lamentações prejudicam invariavelmente àquele que as faz a todas as horas. Quando o homem se encontra em condições negativas, penúrias de qualquer natureza e se lamenta, com todas as suas amizades, daquele estado não faz mais que intensificar dita condição em proporções agigantadas, sem lograr com isto benefício pessoal algum. Uma ligeira reflexão nos provará esta verdade, ninguém prestará auxílio direto àquele que se lamenta, senão que, pelo contrário, trata de cravar maior quantidade de vibrações pessimistas no desgraçado que assim se lamenta. Estas vibrações irão aumentando o desastroso estado interior, trazendo como consequência, maiores fracassos.

Se em lugar de lamentar-nos, tratamos de dominar internamente aquela física condição e a transformamos em fortaleza, em esperança e pleno otimismo, lograremos verdadeiramente realizar uma santa alquimia, por meio da qual o mal se transformará em bem.

Não esqueçamos que lamentar-nos de uma coisa é, simplesmente, intensificá-la em nós mesmos.

Na Bíblia, esse livro extraordinário no qual se encontram as orientações precisas que o homem deve tomar em cada caso particular, lemos o seguinte: “Se alguém não se ofende em palavra, este é varão perfeito, que também pode com freio governar todo o corpo”.

“Eis que pomos freios na boca dos cavalos para que nos obedeçam e governamos todo o seu corpo”.

Olhai também os navios, embora tão grandes e levados de impetuosos ventos, são governadas com um muito pequeno timão por onde queira aquele que as governa”.

“Assim, também a língua é um membro pequeno que se glorifica de grandes coisas. Eis aqui um pequeno fogo. Quão grande bosque incendeia! “

E a língua é um fogo, um mundo de maldade. Assim, a língua está posta entre nossos membros e contamina todo o corpo, inflama a roda da criação e é inflamada do inferno, “de infernus”, estado ou lugar inferior.

Estas passagens claras e precisas sobre o que é o poder da palavra são lidas em Santiago, III, 3-6.

Se a palavra fosse usada pela raça somente no sentido harmonioso para exteriorizar a

verdade, a beleza e o bem, já teríamos regressado ao paraíso, onde todas as coisas e todos os seres estão em seu perfeito estado e lugar, cumprindo formosamente a finalidade da vida, sem entorpecer, de modo algum, a marcha geral para o bem final, que é o objetivo da evolução.

O poder da palavra é de tal natureza que, proceda de onde proceda, de ser grande ou pequeno, produz uma mudança definida em nossa interna psique. Prestem firme atenção os estudantes da ciência R+C e se convencerão dessa verdade, quando escutamos uma frase, não importa quem a pronuncie, produz-se uma mudança perfeitamente definida em nossa natureza interior; se a palavra é harmoniosa transmite-nos esse estado, se é desarmoniosa produz perturbação.

Muitos estudantes pedem todos os dias práticas espirituais com o fim de fazer progresso na Sagrada senda. Damos hoje uma prática transcendental no manejo da palavra. Que cada um dos estudantes da F R A não empregue sua palavra senão sempre com santos e elevados fins, fazendo somente aquilo que tenda a exteriorizar a verdade, a enobrecer a vida, a sublimar a aspiração, a engrandecer o sentimento, enfim, a provocar naqueles que o escutam o sublime e nobre desejo da superação espiritual. E por este meio que é o bastante, poderão obter-se transformações e elevações nem sequer suspeitadas por aqueles que não sabem o que é o transcendental, o extraordinário poder da palavra.

A palavra harmoniosamente pronunciada aumenta extraordinariamente as fontes da vida, tonifica o coração, purifica o cérebro, equilibra a economia e faz a vida prazenteira; ao passo que as palavras desarmonicas que estejam carregadas de vibrações negativas, de pessimismo, de ódio, de inveja, de malquerença em qualquer de suas formas, prejudicam aos que as pronunciam no sentido físico, intelectual e moral.

O poder que produz a palavra é o Logos ou energia que palpita em toda a criação. E, se a criatura trabalha em harmonia com as Leis Universais aumenta a sua força e seu poder; se trabalhar contra elas, prejudica profundamente seu equilíbrio e é causa de entorpecimento e de dor.

Quando o homem aprender a usar reta-

mente a palavra, terá vencido o dragão da lenda, logrando o triunfo definitivo que faz a superação das almas verdadeiramente grandes e nobres.

O organismo do homem é como um instrumento de que devemos arrancar sempre notas melodiosas, que seja o encanto do artista e a expansão daqueles que ouvem suas gratas harmonias.

Ademais, como já o sabem os estudantes da F R A , a palavra harmoniosamente pronunciada e de acordo com determinados sistemas que se dão na educação esotérica, produz efeitos conhecidos com o nome de Magia. Porém, para que o homem cheque a ser um perfeito mago branco tem que aprender a utilizar a palavra sempre dentro do reto, do justo e do exato; e somente para desperpear aquelas vibrações que tendem a criar a bondade a beleza e o bem.

(Traduzido da Revista Fraternidade Rosa Cruz) Gnose outubro 1937

Deus, o Homem e a Natureza

Um dos princípios mais profundos do Ocultismo, baseado na grande lei da analogia é que a Natureza

nos revela o que se passa em nós mesmos.

Para dar um exemplo nítido e típico, embora completamente desconhecido pela ciência oficial, mencionamos a pedra filosofal. Os Rosa-Cruzes a conheceram muito bem. Já num diário alemão de fins do século dezoito,



encontram-se referências sobre esta misteriosa pedra. Fala-se dela como de uma coisa perfeitamente real e diz-se: "Todos apalparam constantemente sem saber" E isto é absolutamente uma verdade incontestável.

Todos sabem que o homem inspira oxigênio e expira ácido carbônico, fenômeno que, para a ciência do Yoga tem um sentido físico

e espiritual. O homem não pode aspirar ácido carbônico, porque, se o fizesse morreria intoxicado. As plantas, entretanto precisam dele para viver. As plantas renovam o ar e o tornam respirável, em retribuição, o homem e os animais fornecem às plantas o ácido carbônico de que precisam para a sua subsistência.

Que fazem as plantas com o ácido carbono absorvido? Constroem o seu próprio corpo. Sabemos perfeitamente que o cadáver do vegetal é a hulha, o carvão de pedra. A hulha não é mais do que um vegetal petrificado.

O sangue vermelho, em contato com o ácido carbônico transforma-se em sangue azul que é purificado pelo oxigênio, porque, o homem e o animal não se podem servir do ácido carbônico para construir seus respectivos corpos. As práticas do Yoga são exercícios especiais que permitem ao homem converter o sangue vermelho em elemento benéfico ao seu organismo. E é assim que o Yoga ensina ao homem a maneira, de fabricar o seu corpo com o sangue, do mesmo modo que a planta fabrica o seu, com o ácido carbônico, com o ácido carbônico.

Vemos portanto, que o poder de transformação, que existe na Natureza, é representado pela hulha que é uma planta cristalizada. A pedra filosofal, na sua significação mais ampla, simboliza precisamente esse poder de transmutação.

O homem (física e corporeamente considerado) e os animais têm um ancestral comum. O homem ascendeu e o animal desceu. Quanto a sua parte espiritual, provém dos Deuses. Neste sentido o homem é um Deus degenerado e o verso de Lamartine exprime uma grande verdade; O homem é um Deus decaído que se recorda do céu.

Houve uma época em que todos os seres da Terra tinham, apenas uma vida semivegetal e semi-animal. A própria terra era um conjunto vivo e constituía, assim, um verdadeiro animal. Todo o seu solo formava-se de uma substância análoga à turfa (espécie de hulha de formação recente) de que brotavam florestas gigantescas, que em seguida, transformavam-se em hulha. Neste tempo a Terra e a Lua formavam um só astro. A Lua representava o elemento feminino da terra

Há seres retardatários, que ficaram numa

etapa inferior da evolução. O visco, o “viscum album,” por exemplo é uma prova dessa época, um sobrevivente do gênero de plantas parasitárias que viviam, então sobre a terra, como agora, vivem sobre as árvores. Daí suas virtudes ocultas que os Druidas conheciam, e os levou a considerá-lo uma planta sagrada. O visco é um remanescente da época lunar do Globo terrestre. É um parasita que aprendeu, com as demais plantas, a viver diretamente sobre o reino mineral.

A enfermidade é um fenômeno análogo. É causada por uma regressão dos elementos parasitários do organismos. Os Druidas conheciam essas relações entre o “viscum album” e o homem, como podemos deduzir das referências ao assunto na lenda gaulesa de Baldour. O visco mata Baldour porque, esta planta é um elemento hostil da época precedente e não forma corpo com o homem. As outras plantas, adaptadas a época, ao contrário, juraram-lhe amizade.

Quando esta terra vegetal se converteu em mineral, adquiriu pelos metais uma nova propriedade, a de refletir a luz.

Um astro não se torna visível no céu enquanto não se tenha mineralizado. Existem nos espaços multidões de mundos que escapam a nossa percepção visual e só são devassados pela hiper-visão dos clarividentes.

Tanto a terra como o corpo físico do homem mineralizaram-se, porém a característica do homem é que existe nele um duplo movimento, e enquanto o homem físico retrocedeu, o espiritual progrediu. São Paulo esclareceu esta verdade, declarando que há uma lei para o corpo e outra para o espírito. O homem é, ao mesmo tempo, um fim e um princípio.

O ponto vital, o ponto de interseção e de volta à ascensão humana, foi o tempo da separação dos sexos.

Houve um período em que ambos os sexos se reuniam num mesmo indivíduo. O próprio Darwin aceita a possibilidade desta hipótese. Ao separarem-se os sexos surgiu um elemento novo, transcendental e imenso: o Amor. A atração do amor é tão forte e misteriosa, que as borboletas tropicais, de sexos diferentes,

trazidas para a Europa, a aclimatadas a duzentas léguas umas das outras, ao serem postas em liberdade, voam e encontram-se exatamente na metade do caminho.

Fato análogo verifica-se entre o Mundo Humano e o Mundo Divino, assim, como entre o Reino Humano e o Reino Animal. O oxigênio e o ácido carbônico são a introdução e a expulsão do ar dos pulmões. E assim como o Reino Vegetal exala o oxigênio, a humanidade exala amor, depois da separação dos sexos, e dos eflúvios desse amor vivem os deuses.

Por que motivo, tanto o homem como o animal, irradiam esta misteriosa força de atração?

O ocultista desvenda no homem atual um ser em plena evolução. O homem é simultaneamente um deus decaído e um deus em evolução. O reino dos céus mantém-se com as irradiações do amor humano. A Grécia antiga exteriorizou esta magnífica realidade com o mito do néctar – a ambrosia divina. Contudo, os deuses estão acima dos homens e sua tendência natural seria conduzi-los da melhor maneira possível.

Porém, entre o homem e os deuses, ergue-se um ser intermediário, como o “viscum album” entre a planta e o animal. É Lúcifer e o elemento lucífero.

Os deuses não tem outro interesse além do amor dos homens. Lúcifer, entretanto, sob o aspecto de uma serpente induziu o homem a conhecer a ciência e Jeová o expulsou do Paraíso. Porém Lúcifer é um deus decaído que só poderá reabilitar-se por intermédio do homem, inculcando-lhe o desejo de um conhecimento pessoal. É ele quem se opõe a vontade de Deus, que havia criado o homem a sua imagem. Os Rosa-cruzes definem o papel de Lúcifer no mundo. Mais adiante trataremos deste assunto.

Por hoje, rememoremos a velha sentença da nossa Ordem: “Ó homem debes saber que através de ti passa uma corrente que sobe e outra que desce!

Eduardo Schuré – Gnose janeiro 1938